



**Intervenção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
a Primeira Sessão da Cúpula de Líderes Progressistas**

Viña del Mar - Chile, 28 de março de 2009

Querida companheira Michelle Bachelet,
Querida companheira Cristina,
Querido companheiro Tabaré,
Querido companheiro Zapatero,
Querido companheiro Jens Stoltenberg, primeiro-ministro do Reino da
Noruega,
Querido amigo Gordon Brown,
Companheiro Joe Biden, vice-presidente dos Estados Unidos,
Meu caro Miguel Insulza,
Minha cara Alicia Bárcena,
Companheiros membros das delegações aqui presentes.

Eu queria dizer que é muito gostoso participar de uma reunião onde não precisamos chamar de Vossa Excelência, ou Excelência, e nos tratarmos como companheiros, respeitando as nossas diferenças.

Eu me preparei, Michelle, para seis minutos. Seis minutos porque eu sempre tenho medo dos meus improvisos porque, muitas vezes, a paixão e a emoção... falo muito mais do que o tempo necessário. Aqui na América Latina nós temos esse hábito, ou seja, a palavra é o nosso dom. Então, eu vou ser comedido, muito comedido aqui nas minhas palavras. Eu tenho até gente da minha delegação com relógio, ali, anotando. Só não podem gritar aqui.

Primeiro, esta é uma reunião que se realiza em um momento sem precedentes nas últimas décadas. O mundo todo está pagando o preço do



fracasso de uma aventura irresponsável daqueles que transformaram a economia mundial em um gigantesco cassino.

Entraram em crise paradigmas defendidos de forma arrogante por muitos daqueles que agora estão sendo levados pela tempestade especulativa que eles mesmos semearam. Faliu não só um modelo econômico. Entrou em crise a idéia de que a política era uma atividade menor, limitada por supostas leis econômicas que se impunham sem nenhuma discussão.

Os políticos, supostamente, estavam obrigados a seguir um roteiro que não havia sido escrito pela sociedade. Neste momento, nosso desafio maior é não nos deixar paralisar pela perplexidade, pela incerteza e pelo temor de ousar.

Precisamos ter coragem de pôr em prática nossas convicções. Os olhos do mundo estão sobre nós. Afinal, nós rejeitamos a fé cega nos mercados, o desprezo do Estado, o lucro como bússola moral.

Há 20 anos a queda do Muro de Berlim dava início ao fim do socialismo burocrático, marcado por regimes ineficientes economicamente. Na época, fui muito criticado por dizer que a queda do Muro de Berlim era a oportunidade para os partidos de esquerda pensarem projetos diferentes de sociedade, a oportunidade para nos livrarmos de dogmatismos. O movimento sindical brasileiro e o meu partido surgiram dessa brecha aberta com a queda do Muro. Tínhamos de mudar, mas sem mudar de lado.

O momento que agora vivemos exige de nós, membros da Governança Progressista, uma atitude coerente. Precisamos entender o que ocorreu, aprofundar o debate sobre a crise e propor alternativas.

Meus amigos,

Estamos a poucos dias da Cúpula do G-20 em Londres. A comunidade internacional aguarda propostas que revertam a brutal retração da economia e a destruição em massa de milhões de empregos. O mundo espera, sobretudo,



demonstrações de liderança e coragem daqueles que apostam numa visão de futuro comum.

É, portanto, chegada a hora da política, como tenho afirmado incessantemente. A globalização não admite respostas isoladas ou a volta dos nacionalismos estreitos. Exige mecanismos de governança global. Sem renunciar à nossa soberania, temos de construir articulações mais amplas e sistêmicas.

Não podemos correr o risco de postergar soluções profundas e estruturais. Caso contrário, a crise porá a perder os avanços que os países em desenvolvimento alcançaram com tanto esforço e sacrifício no combate à pobreza e à exclusão.

Agora que a globalização mostra sua face oculta, não devemos recuar para as trincheiras do protecionismo ou da autarquia. Nem é hora de abandonar compromissos com tecnologias verdes, nem deixar de apostar na revolução das fontes renováveis de energia.

Conclamamos os países que têm mais responsabilidade na atual turbulência financeira, no aquecimento global e no protecionismo a assumir suas responsabilidades.

Precisamos reafirmar, com todo vigor, nossa convicção de que só a solidariedade é capaz de estruturar um sólido eixo para nossa ação coletiva global.

Desemprego, pobreza, migração, desequilíbrios demográficos e ambientais são problemas que requerem respostas economicamente coerentes mas, sobretudo, socialmente responsáveis.

Isto não é possível sem um Estado forte, um Estado indutor de políticas públicas voltadas para a garantia de direitos fundamentais e do bem-estar coletivo. Só a ação estratégica de um Estado democrático, socialmente controlado e eficiente na prestação de serviços, é capaz de realizar essa tarefa.



Companheiros e companheiras,

A realização da primeira Cúpula do movimento na América do Sul tem um significado especial. No momento em que o mundo busca alternativas para um modelo esgotado, nossa região oferece uma perspectiva renovadora.

A América do Sul vive uma vigorosa onda de democracia popular, encabeçada por segmentos historicamente deserdados e marginalizados, que hoje encontram seu lugar e sua voz numa sociedade muito mais solidária. Muitos desses países precisaram ser praticamente refundados do ponto de vista institucional, mediante a aprovação de novas Constituições.

Não é mera coincidência que hoje predominem governos de esquerda na América Latina. A recente eleição de presidentes progressistas na Guatemala, no Paraguai e em El Salvador é prova de que nossa mensagem de esperança e renovação encontra solo fértil mesmo em tradicionais redutos do conservadorismo. Estamos derrubando os mitos. Mostramos que é possível preservar equilíbrio macroeconômico com forte distribuição de renda e inclusão social.

No caso do Brasil, uma forte política de transferência de renda tirou mais de 20 milhões de brasileiros da indigência, incorporando-os à produção, ao mercado e à cidadania.

Os investimentos em infraestrutura que o País já vinha fazendo antes mesmo da crise nos dão a confiança de que sairemos dela mais rápido e mais preparados para enfrentar o novo mundo de amanhã.

O fortalecimento do Estado, sobretudo para equacionar os desafios estratégicos de nosso desenvolvimento, não acarretou indevida intervenção no mercado.

Não podemos ficar prisioneiros dos paradigmas que ruíram. Um mundo mais democrático na tomada de decisões que afetam a todos é a melhor garantia de nossa segurança coletiva, dos direitos dos mais vulneráveis e da



preservação da saúde do Planeta. Isso só será possível com a reforma das principais instituições multilaterais.

Estamos renovando as melhores tradições humanistas da esquerda, fazendo de nossos ideais uma agenda progressista e factível.

Nosso debate oferece uma plataforma de grande visibilidade para impulsionar novas perspectivas de paz social, estabilidade econômica e segurança coletiva para este continente e para todo nosso Planeta. É uma oportunidade que não devemos desperdiçar.

E, para terminar, meu caro Gordon Brown, e anotar na sua agenda, um recado para o G-20: não podemos deixar de discutir uma solução para os mercados futuros. Não podemos deixar, com pena de voltarmos à crise do petróleo e à crise das *commodities* agrícolas na Bolsa de Futuro, no mundo inteiro.

Obrigado.

(\$211B)